



Corrente Marxista Revolucionária

Max Precision, Special Quality, Mahle, TWR

APOIEMOS AS LUTAS



**Tendências
da economia
mundial**

Páginas de 3 a 7



**Gaza: um
balanço
necessário**

Página 9

EDITORIAL

Construamos uma saída independente para a crise

Nenhuma confiança em Lula e nas centrais sindicais pelegas!

Em dezembro de 2008 ocorreu um **verdadeiro “tsunami” em nosso país**. Os tsunamis (ondas gigantes) têm causas naturais, já o tsunami econômico que nos assolou tem causas históricas e sociais, e fez com que milhares de empregos fossem ceifados. Segundo dados oficiais, cerca de 650 mil trabalhadores perderam seus empregos. A crise econômica que vinha mostrando suas garras de maneira “tangencial”, se instalou com toda a força fazendo desaparecer do cenário a tão falada “blindagem econômica” que Lula vinha repetindo em todo o ano de 2008.

Neste marco, dados nacionais e internacionais demonstram que longe de chegar ao fim, **a crise econômica se aprofunda de maneira global**: demissões em massa estão ocorrendo em todas as partes do globo, chegando finalmente à China. A realidade objetiva **desmente** os que se apressaram em decretar o fim da crise após a injeção de cifras faraônicas por parte dos governos dos países centrais e, também, dos periféricos.

Esses milhões de dólares e euros tinham como primeiro objetivo salvar os bancos que se encontravam quebrados e, assim, estabilizar os sistemas financeiros. Logo se viu que a crise era mais dramática, tendo que se “ajudar” também as montadoras de automóveis, e agora se sabe que os bancos seguem quebrados, que as montadoras estão prestes a falir e que finalmente o sistema não está estabilizado. Passada a onda de otimismo pós-posses de **Obama**, na melhor das hipóteses a situação segue como antes. Dizemos na melhor das hipóteses pois há indícios de que estamos entrando em nova fase da crise, uma **depressão mundial** cujas conseqüências **serão dramáticas**. Obama tem se limitado em tomar medidas pontuais sem enfrentar o real problema da economia norte-americana,

isto é: sua solvência. Junto a isso tem lavado as mãos em relação aos ataques que a burguesia yanque tem desferido contra os trabalhadores; age assim porque além de seu discurso “progressista” e de determinadas medidas que venha eventualmente a tomar para agraciar sua base social, é um **representante da grande burguesia imperialista norte-americana** e está comprometido até os ossos com os interesses materiais desta mesma classe.

Em momentos de crise econômica desta magnitude e profundidade - pois estamos em uma das mais profundas crises de superprodução global - não existe saída neutra, ou seja, ou os trabalhadores por meio de sua luta impõem aos patrões os custos da crise ou demissões em massa, perda de direitos etc irão ocorrer. Em todo caso, os ataques aos trabalhadores não ocorrerão sem luta, os acontecimentos em várias partes do mundo começam a demonstrar: a grande greve geral na França e as lutas que têm esquentado a fria Finlândia, por exemplo.

Atenção para uma nova conjuntura nacional

Em terras tupiniquins **a conjuntura está mudando rapidamente**: primeiro foi o discurso de “descolamento e blindagem” da economia, agora Lula e a burocracia sindical organizada na **CUT, Força Sindical, CGT, CGTB e demais aparatos pelegos verborragem “que a crise será passageira”**. Com isso **tentam impedir que os trabalhadores comecem a sair à luta** por seus empregos, e quando não conseguem, levam as lutas ao beco sem saída dos acordos que reduzem salários e outros direitos e conquistas de lutas anteriores.

O modelo que se forjou para o crescimento econômico dos últimos anos está **esgotado**. Esse modelo baseava-se basicamente em crédito fácil para a compra de

bens de consumo, principalmente carros. Acontece que agora esses empréstimos estão cada vez mais caros e as exigências por parte dos bancos e financeiras são cada vez maiores. Junto a isso, o recente *boom* de demissões e o aumento dos preços têm levado a um crescimento de **inadimplentes**, isto é, de pessoas que não mais conseguem pagar seus empréstimos. Dados de novembro do ano passado são os maiores desde 2002 e com certeza os de dezembro, que ainda não foram divulgados, serão ainda maiores.

A farra de empréstimos fáceis, que junto com o mecanismo de juros altos fizeram os bancos lucrarem como nunca **findou**, prova disso é que o Bradesco, um dos principais bancos do país, divulgou seu resultado financeiro onde encerrou o ano de 2008 com um lucro de R\$7,62 bilhões, significando uma diminuição de 5% na comparação com o ano anterior. Entretanto, quando olhamos somente o último trimestre de 2008, a queda significou quase 27% em referência ao mesmo período do ano passado. Esses dados, que com certeza vão se repetir em outras instituições financeiras, tiram por terra outro mito bastante repetido em todo o ano passado: que o sistema financeiro brasileiro se encontrava “sólido”.

Lula quer que os trabalhadores paguem a conta. Quando tudo “corria bem” as empresas tinham lucros faraônicos, agora que a crise chegou forte, Lula corre a “ajudar”. Assim foi com o Grupo Votorantim, do empresário Antônio Hermínio de Moraes, líder no mercado nacional de papel e celulose e também de cimentos, que aproveitando o paraíso do crédito abriu seu próprio banco, e agora teve parte das ações compradas pelo Banco do Brasil. Por sua vez, os trabalhadores têm tido que apertar ainda mais o cinto para saldar as dívidas que possuem.

Conlutas deve organizar a luta de forma conseqüente

Nessa conjuntura se fortalece a santa trindade, governo Lula, Patronal e Sindicatos Pelegos. Eles têm feito de tudo para impedir que a classe trabalhadora saia a lutar por seus direitos e com seus próprios métodos de luta, **o que em muitos locais já está acontecendo, principalmente no setor fabril, setor de grande importância**.

Há poucos dias, na região do ABC paulista, berço das grandes greves operárias do fim dos anos 70 e 80 e que geraram o PT e a CUT, **fábricas metalúrgicas se encontravam em greve**, entre elas Max Precision, Special Quality, Mahle, TWR autopeças, fábricas com tradição de luta e protagonistas de lutas importantes em momentos anteriores. Agora essas fábricas se encontram sob o controle da burocracia Lulista que maneja as lutas para acordos rebaixados.

Por sua vez a **Conlutas**, da qual fazemos parte e reivindicamos como o que existe de mais progressista na atual conjuntura, **tem sido incapaz de organizar a luta de forma conseqüente**, mesmo nos lugares que supostamente dirige, como é o caso dos Metalúrgicos de São José dos Campos, se limitou a organizar um ato no centro da cidade que reuniu 3000 pessoas (vale lembrar que somente na GM de São José trabalham quase 5 mil metalúrgicos e que o ato era contra a demissão de 800 companheiros).

Para enfrentar as conseqüências da crise econômica é preciso mais que palavras bonitas e saudações à bandeira. **Precisa-**

mos colocar de pé imediatamente uma alternativa totalmente independente do governo e da burocracia. Não podemos cair no canto de sereia que tem sido entoado pela patronal e pela burocracia das centrais sindicais, que reduzindo salários e horas de trabalho vamos salvar nossos empregos. Já está mais que provado que isso não funciona, basta vermos o caso dos metalúrgicos do ABC, onde tem sido sistematicamente aplicado esse princípio, nos anos 80 eram 200.000, hoje, depois de bancos de horas, diminuição de direitos conquistados, são 130.000.

Não podemos deixar passar esses primeiros ataques sem uma resposta à altura. Nesse sentido a última reunião da Conlutas realizada no Fórum Social Mundial é um erro total, uma vez que somente votou dois atos, um no Rio de Janeiro e outro em São Paulo e a realização de um encontro no fim do ano, encontro esse que se depender da disposição do PSTU será mais um parlamento que discute e não organiza a luta.

É preciso romper com essa lógica. Temos que organizar imediatamente uma ampla campanha nacional contra as demissões e a redução dos salários, uma ampla campanha que se inicie por apoiar os que já estão lutando, ao mesmo tempo, que coloque em marcha um Encontro Nacional de Base com delegados eleitos e que discuta e organize um plano de lutas que parta das reivindicações imediatas e possa organizar uma forte e contundente resposta aos ataques da patronal e do governo.

EXPEDIENTE

Praxis

RUA CONSELHEIRO RAMALHO 1012

Equipe de redação:

Márcio Barbio - Antonio Carlos Soler - Adriana Paula

Brasil: crise econômica marca definitivamente a realidade política nacional e provoca demissões em massa

Antonio Carlos Soler

Vários analistas ao fazerem uma periodização da atual crise econômica mundial apontam que estamos entrando em sua terceira fase. A primeira fase foi anunciada em fevereiro de 2007 e sua primeira expressão foi a crise das hipotecas estadunidenses; a segunda fase teve início com a quebra de todo o setor financeiro e das grandes empresas transnacionais, como a GM, por exemplo; a terceira fase se caracteriza pela plena recessão nos países imperialistas, pela generalização da crise para todos os setores da economia, atingindo indistintamente todos os países do globo, e pela brutal ofensiva sobre empregos e direitos trabalhistas.

Os dados relacionados à

*Uma
nova
situação
política
nacional
pode
estar
em
curso*



perda de postos de trabalho em todo o mundo são alarmantes. Nos EUA o desemprego pode atingir 9% até o final de 2009, no Japão grandes empresas efetuam milhões de demissões e anunciam o fechamento de fábricas nos próximos anos, na China 150 milhões de trabalhadores migrantes estão ameaçados pelo desemprego. Apenas na semana passada as demissões já passavam de 150 mil em todo o mundo.

Neste cenário de recessão, com forte redução do crédito internacional, queda da demanda em todos os setores e sustentação dos governos e das burocracias sindicais e políticas à lógica do capital, os trabalhadores enfrentam dificuldades para defenderem os seus empregos

e direitos. Com isso, os patrões aproveitam para impor saídas que cortam direitos e impõem maior exploração através do aumento das taxas de juros bancárias, corte de salários, bancos de horas etc, fazendo com que os trabalhadores paguem a conta diante da crise econômica.

Sem dúvida, apesar destas dificuldades, tanto em nível “macro” como “micro” já existem sinais importantes da **transferência da crise econômica para o terreno da luta**, como podemos verificar desde a greve geral, com violentos enfrentamentos, que acaba de acontecer na França, até a profusão de importantes lutas em todo o globo, como na Grécia, na Inglaterra, na Espanha e na China, por exemplo.

A destruição em massa do emprego e o ataque aos salários

Em nosso país o mito consuetudinário pelo governo de que “a economia brasileira estaria blindada” já faz parte do passado, agora a nova construção ideológica do bloco de classe hegemônico vai no sentido de tentar convencer os trabalhadores de que esta crise é passageira e de que se patrões e empregados chegarem a um acordo nos próximos meses tudo estará resolvido. É essa construção ideológica difundida pelo governo, CUT e outras centrais sindicais pelegas que tem embalado os **vários “acordos” de redução dos salários e de direitos em todo o Brasil**.

Como é de praxe, momentos de crise econômica são usados pela classe dominante como brechas para impor aos trabalhadores maiores taxas de exploração através da redução de salários, intensificação do ritmo de trabalho, mudanças na gestão da produção ou mudanças legislativas que precarizem ainda mais

as condições de trabalho. Um claro exemplo do que estamos falando foi a política de “flexibilização trabalhista” em 1998 no governo de Fernando Henrique Cardoso, que redundou na legalização dos contratos temporários de trabalho. O resultado disso é que hoje temos mais de 17 milhões de trabalhadores no Brasil dentro deste regime, estes trabalhadores são os primeiros a serem demitidos devido ao baixo custo com a sua demissão. Desta forma, nesta crise os acordos de redução de direitos devem ser combatidos e revertidos mediante um processo de luta e resistência (processo que recém se inicia), pois sem luta estes acordos certamente darão base para novas legislações laborais com o mesmo teor dos contratos.

Diante da mais brutal crise econômica capitalista depois da crise de 29 e dos efeitos mais severos sobre a classe trabalhadora, o presidente LULA, apesar da fraseologia populista, desenvolve uma política que não

mudou em um milímetro o perfil do seu governo. Até agora foram gastos bilhões das reservas internacionais e dos bancos públicos com empréstimos diretos aos bancos das montadoras, com a redução de impostos sobre produtos industrializados (IPI) e com a compra de dólares pelo Banco Central para controlar a tendência constante de desvalorização do real. Tudo isso para garantir a lucratividade do grande capital instalado no Brasil.

O quadro econômico/político que tem gerado as demissões, como já dissemos, não é passageiro. Dados do IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística) dão conta de que em dezembro a desaceleração da produção industrial foi de 12,4% em relação a novembro. Somado à queda de novembro (5,2%) temos uma retração de 17,6% no setor. Outros dados indicam tendência a forte retração do consumo, da produção e dos investimentos. A fuga de capitais é outro problema agudo da

economia brasileira, estima-se que milhões saem diariamente de circulação do Brasil, capital **que foi fundamental para o crédito para a produção automobilística em 2008**.

Com a demissão de 1.300 trabalhadores pela Vale no final de 2008 abriu-se a *Caixa de Pandora*. **Em dezembro foram extintos 1,5 milhões de empregos em todo o país** e tantos outros estão sendo perdidos diariamente em todos os setores da economia. Segundo o BNDES (Banco Nacional de Desenvolvimento Econômico e Social) os investimentos públicos e privados devem cair para R\$ 1,305 trilhão, sendo que a previsão anterior era de R\$ 1,460 trilhão. Para Luciano Coutinho (presidente do BNDES) a indústria é o setor que enfrentará a maior redução do investimento. Os setores que mais sofreram com a crise, segundo Coutinho, **são a indústria de insumos básicos, principalmente commodities**

para exportação.

Existem vários outros indicadores de que estamos diante não só de uma **crise aguda, mas também crônica**. Para começar, temos o indicador da atividade industrial no quarto trimestre de 2008. Segundo reportagem do jornal Folha de São Paulo, “A produção da indústria no **quarto trimestre de 2008 teve o pior resultado da série histórica** da CNI (Confederação Nacional da Indústria), iniciada em 1999, informou hoje a entidade. O indicador de produção ficou em 40,8 pontos (em uma escala que vai até 100, em que números abaixo de 50 indicam redução). No terceiro trimestre, o índice estava em 57,8 pontos e, no quarto trimestre de 2008, em 59 pontos. O desempenho foi pior no caso das grandes empresas, que apresentaram 38,8 pontos. Médias tiveram 42 pontos e pequenas 42,3 pontos.” (Lorena Rodrigues, Folha Online, 29/01/09).

Reformismo e corporativismo não são saídas



Os índices negativos para a atividade econômica não param por aí, pois as tendências indicam que **as pequenas empresas sofrerão maior impacto no primeiro trimestre de 2009**. Como consequência da redução da atividade industrial no quarto trimestre o emprego neste setor também encolheu, segundo a reportagem o “índice ficou em 44 pontos, contra 54,4 pontos no terceiro trimestre de 2008. Na comparação com o último trimestre de 2007, o índice caiu 10,9 pontos. A redução dos empregos foi maior nas grandes empresas (42,6 pontos), seguida por médias (43,8 pontos) e pequenas (46 pontos).” Conforme estimativas da CNI, nos próximos seis meses haverá maior queda nas taxas de emprego, esta tendência é confirmada, de acordo com a pesquisa do CNI, pelo indicador de demanda na indústria em janeiro (39,7 pontos), queda acentuada levando-se em conta os dados de janeiro de 2008 (59,4 pontos).

Trazemos estes dados como recursos analíticos para demonstrar que do ponto de vista objetivo não se pode passar em brancas nuvens diante da maior crise econômica desde 1929, ou seja, **velhas práticas que vem se acumulando no movimento sindical, inclusive na esquerda, serão inexoravelmente questionadas pela nova situação objetiva na qual se insere a luta de classes no Brasil**.

A Conlutas precisa romper com a política superestrutural do PSTU



É necessário impulsionar imediatamente encontros pela base para organizar a luta contra as demissões e em defesa dos nossos direitos

As demissões em massa já são uma realidade em todo o mundo. A ONU estima que no próximo ano serão perdidos mais de 50 milhões de postos de trabalho. Em vários países ações contundentes dos trabalhadores e da juventude já se desenvolvem contra o desemprego e outras “maldades” do capital. Na França, greves gerais estão se realizando contra ameaças de demissões em massa, milhares de trabalhadores se mobilizaram com protestos radicalizados em todo o país.

No Brasil, só em dezembro,

foram mais de 1,5 milhões de empregos perdidos e o mês de janeiro não vai ser muito melhor, pois além dos fatores ligados diretamente à crise os patrões aproveitam a oportunidade para impor mais exploração. As centrais governistas e pelegos de toda espécie aplicam uma clara estratégia de colaboração com o capital, assim, já estão colocando em prática saídas que beneficiam, mais uma vez, os patrões. Em várias fábricas, representadas por sete sindicatos, “acordos” de redução de salários estão firmados.

O colaboracionismo da CUT

A estratégia colaboracionista da CUT teve o seu teste definitivo no contexto político brasileiro na década de 1990. Neste período, diante do auge da ofensiva neoliberal no Brasil, a CUT desenvolveu políticas colaboracionistas como as Câmaras Setoriais (fóruns tripartite de conciliação permanente entre trabalhadores, patrões e governos) e o banco de horas (flexibilização da jornada de trabalho de acordo com as demandas do mercado) com o argumento, mais do que carcomido pela história, de que não havia alternativa e que era possível encontrar saídas pactuadas com os patrões para que em tempos de mudanças profundas no processo produtivo os trabalhadores mantivessem suas conquistas.

Enfim, nada mais do que o velho colaboracionismo com a classe dominante desenvolvido secularmente pelas correntes reformistas/burocráticas que



Paulo Skaf (FIESP) e Edilson de Paula (CUT-SP)

dirigem o movimento sindical. Bem, o resultado desta política é bastante conhecido: a década de 1990 passou para a história nacional como um dos períodos onde mais avançaram as taxas de exploração e mais conquistas foram tiradas dos traba-

lhadores. Assim, a profunda reestruturação produtiva brasileira – que significou a perda de milhões de postos de trabalho – só foi possível dentro do contexto de defensiva política dos trabalhadores arquitetada pela CUT e pelo PT.

Conlutas: política de exigência é insuficiente

Com toda a ofensiva da patronal e da burocracia na base do Sindicato dos Metalúrgicos de São José, dirigido pelo PSTU, existe uma forte pressão para se aceitar propostas de redução de salário e de jornada. Aí se colocam duas questões, uma de ordem tática e outra de ordem política e ideológica. A primeira é por quê **diante da demissão massiva de 800 trabalhadores na GM não foi encaminhada uma proposta de greve da fábrica e mobilização conjunta de toda a categoria?** A segunda é por quê em uma categoria dirigida pela CONLU-

TAS e pelo PSTU trabalhadores tendem a aceitar propostas de rendição antes de lutar?

Voltemos um pouco à história recente do movimento sindical. Desde a mobilização de maio e junho de 2008 contra o pacote patronal da GM, com apoio de toda a classe dominante de São José dos Campos, onde foi imposta a contratação de trabalhadores temporários, havia um debate no movimento sobre a estratégia da CONLUTAS/PSTU em manter aquela luta isolada nos marcos locais e que a contratação de temporários, no final deste processo, teria sido uma derrota.

Este é um balanço político que nunca foi feito pelos companheiros da direção da CONLUTAS e do PSTU.

Trazemos estes fatos porque **em que pese os fatores objetivos que influenciam a consciência e ação dos trabalhadores, a política do setor majoritário da CONLUTAS não arma os trabalhadores para o nível de enfrentamento que a conjuntura exige**, pois a estratégia superestrutural e corporativista desenvolvida pela direção majoritária da CONLUTAS nos últimos anos é inegavelmente o fator para que lutas reais e diretas em suas bases não

tenham se desenvolvido até o momento.

A CONLUTAS, sob a direção do PSTU, **não consegue construir políticas que façam frente às demissões massivas, nem mesmo nas categorias que dirige**. Exemplo recente da falência política desta corrente é como tem orquestrado a tática de exigência ao governo. Vejamos: ao não impulsionar a organização pela base de um grande plano de lutas nacional transformou a tática de exigência ao governo em estratégia.

A carta da CONLUTAS ao presidente LULA que poderia

ser uma tática correta, levando-se em consideração a popularidade do governo e as ilusões que milhões de trabalhadores tem de que saídas favoráveis podem ser encontradas sem o enfrentamento direto com o governo, sem dúvida uma questão meramente tática, passou a ser encaminhada pela direção da CONLUTAS como uma verdadeira estratégia. Pois **ao não organizar, mesmo em sua base, a resistência concreta às demissões, esta tática acaba emergindo como ação privilegiada e não como uma das pontes para impulsionar a mobilização direta**.

Os antecedentes da REVAP e GM

É por isso que afirmamos que a direção política do PSTU a frente da CONLUTAS tem se demonstrado, já em momentos anteriores, **desastrosa** para os trabalhadores e as categorias que dirige. Foi assim na luta dos trabalhadores da REVAP e da GM no primeiro semestre de 2008, agora a estratégia sindical calcada no **corporativismo, na superestruturação e imediatismo** e incapaz de colocar os trabalhadores em um movimento de resistência real, demonstra de forma dramática o seu fracasso.

Mas não nos iludamos, a política errática da direção majoritária da CONLUTAS faz parte de uma concepção economicista (corporativista, superestrutural e conservadora) que vem se construindo ao longo da formação da entidade. O caso dos metalúrgicos de São José dos Campos é emblemático para compreender a lógica com a qual opera esta direção, por isso vale a pena nos debruçarmos um pouco sobre ele.

Quando eclodiu a crise em setembro, o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (CONLUTAS) elaborou a consigna “se demitir, vamos

parar” e que iria preparar um “plano de lutas concreto, com chamados a assembleias em cada categoria ou região, para discutir a preparação da luta em caso de demissões”. **Vieram as demissões na GM de São José dos Campos e a política do PSTU se limitou a paralisação de duas horas e um ato político no centro de São José dos Campos**.

Outro problema que salta aos olhos é como a direção majoritária (PSTU) da CONLUTAS está encaminhando as propostas de unificação dos trabalhadores para enfrentar a crise. Em vez de **chamar pela base imediatamente encontros regionais e um encontro nacional para organizar a resistência** propõe de forma superestrutural um plano de ação com as demais centrais para os meses de fevereiro e março. É claro que não vamos resistir às demissões ou tirar da luta contra os patrões e o governo nenhuma conquista sem a mais dura mobilização, a questão é por quê até agora, diante do desemprego em massa em todo o país, a direção da CONLUTAS, em vez de chamar a base para discutir a crise e tirar um

plano concreto de lutas se limita a propor um plano de atividades por cima e abstrato com as demais centrais?

A questão fica mais dramática na medida em que **a crise econômica mundial se revela aguda e crônica**, ou seja, tende a durar anos. O que exige dos trabalhadores uma direção sindical e política que seja capaz de construir programas, táticas e métodos de luta que enfrentem, de fato, os ataques que, como já estamos sentindo, são duríssimos.

Ao não preparar ações pela base contra as demissões, a direção da CONLUTAS (PSTU) compromete qualquer possibilidade de uma campanha que possa fazer frente aos ataques patronais. O fato é que nesta conjuntura não há mais espaço para o “parlamentarismo sindical”, ou seja, encontros anuais de juramento à bandeira que não encaminham nenhuma proposta concreta e para políticas superestruturais, conservadoras e corporativistas que só levam os trabalhadores a derrotas, e o que é pior, em muitos casos derrotas sem resistência.

É preciso um plano de lutas nacional em defesa do emprego votado por um encontro nacional de base

Infelizmente, até o momento, a CONLUTAS tem se limitado a organizar “Encontros Parlamentares” que pouco tem servido para organizar de verdade a luta dos trabalhadores e da juventude. O CONAT e o ENAT foram exemplos de oportunidades perdidas. Apesar da disposição de um importante setor de vanguarda, que viajou dias e dias atravessando o país para participar desses encontros, voltou para casa sem uma orientação clara para organizar a luta. **As poucas deliberações votadas foram letras mortas**.

Em sua curta existência, a CONLUTAS tem sido incapaz de organizar a luta mesmo nas categorias que supostamente dirige. É preciso romper a lógica que o PSTU tem imposto. Basta de encontros parlamentares, retomemos os métodos de luta tradicionais da classe trabalhadora. Nesse sentido, é urgente **organizar assembleias por local de trabalho** que discutam as demandas e necessidades da **luta pela defesa do salário, do emprego e de todos os direitos**. O PRÁXIS apresenta um programa para o

debate que pensamos poder contribuir com a luta dos trabalhadores neste momento:

- ✓ Basta de demissão, não aos Planos de Demissão Voluntária, nenhum trabalhador sem carteira assinada;
- ✓ Não a diminuição e flexibilização dos direitos trabalhistas;
- ✓ Redução da jornada de trabalho sem redução de salário, trabalhar menos para trabalharem todos;
- ✓ Estabilidade no emprego já;
- ✓ Aumento do valor e do tempo de seguro desemprego para os trabalhadores que se encontram sem trabalho e vale-transporte gratuito aos desempregados;
- ✓ Empresa que demita, empresa em greve, empresa que venha a falir, deve ser estatizada sob o controle dos trabalhadores;
- ✓ Abertura dos livros contábeis, abaixo o segredo comercial;
- ✓ Pelo fim do latifúndio, reforma agrária radical, sem indenização e sob o controle dos trabalhadores.

Cresce a deterioração da economia mundial

Nas últimas semanas os sinais da deterioração da economia têm aumentado, se tornando comum a divulgação de dados cada vez mais negativos, a maioria deles batendo recordes históricos, os piores em oito décadas. Esse quadro tem feito muitos analistas se perguntarem se o mundo já se encontraria às portas da **segunda grande depressão da economia capitalista contemporânea**.

Esse pânico tem gerado nos círculos dirigentes do capitalismo mundial vários matizes, diferenças e agu-

das divisões, que se expressaram nas acusações mútuas entre empresários e governos no recém terminado Fórum de Davos, bem como na aguda crise entre Democratas e Republicanos ao redor da Ata de Reconstrução Econômica de Obama.

Nessa situação, já estamos vivendo a passagem da crise ao terreno da luta de classe, como bem demonstra a queda do Governo da Islândia, depois de vários dias de panelaço; a crise a que vários países do Leste Europeu estão submetidos; o crescente temor de le-

vantes entre os 20 milhões de chineses que perderam recentemente seus empregos; as radicalizadas greves que estão surgindo na Inglaterra e a recente greve geral na França, são expressões que apontam um **dramático salto na luta de classes mundial**.

Tudo isso indica que se confirma a nossa caracterização de que o mundo está entrando em um novo período marcado por agudas crises, lutas de classe, contradições entre Estados, guerras, assim como, novas revoluções.

O espectro da grande recessão está presente

Em que momento da crise estamos

Nas últimas semanas entramos no **terceiro momento da crise econômica internacional**. Esquemáticamente podemos dizer que o primeiro momento se deu em meados de 2007 com a crise das hipotecas, o segundo se constituiu em torno da quebra do Banco Lehman Brothers, em setembro do ano passado. O terceiro momento amalgama **um novo pico de crise bancária e de deterioração da economia real**.

Hoje vivemos um momento de **retroalimentação** entre crise “financeira e real, que pressiona no sentido de uma **transformação de recessão em depressão**. O fato de os quase 5 bilhões de dólares distribuídos por meio dos históricos pacotes de ajuda econômica, aplicados a partir dos Estados Imperialistas, **não terem sido suficientes para resgatar os bancos e a economia como um todo do abismo que se encontram, coloca o sistema bancário dos EUA e da Inglaterra à beira da bancarrota e diante de uma eventual estatização completa**.” Esse fato é de grande importância, ainda mais se lembrarmos que na Grande Depressão dos anos 30 a crise afetou diretamente pequenos e médios bancos, não colocando os grandes em risco.

O Citigroup, que nas últimas semanas recebeu ajuda estatal de 45 milhões de dólares está cambaleando devido a sua carteira “tóxica”. Depois de fechar o pior ano de sua história, anunciou uma divisão da qual surgirão duas empresas: o Citicorp e o Citi Holding, dividindo assim as atividades sãs das atividades comprometidas.

O Bank Of America, principal banco dos EUA, também vai de mal a pior, acaba de receber outra ajuda estatal de 20.000 milhões de dólares. Fato é que as 13 primeiras empresas bancárias dos EUA já receberam a quantia de US\$ 147.910.000, **ajuda essa que ainda não conseguiu salvar tais instituições e tampouco fez com que elas voltassem a emprestar dinheiro**. Ao contrário, essas instituições acabam de anunciar uma **diminuição de 1,4% no último trimestre de 2008 em seus volumes de empréstimo, o que por sua vez asfixia a economia produtiva**. Ou seja, a quantia recebida foi usada somente **para pagar dividendos aos seus acionistas**.

Do outro lado do atlântico, na Inglaterra, a situação **não está melhor**. O Royal Bank Scotland, segundo maior banco do país, acaba de declarar **perdas históricas no ano de 2008, da ordem de 40.500 milhões de dólares**. O reconhecimento de semelhantes perdas fez o sistema financeiro mais uma vez tremer e desnudou a incapacidade do plano de Gordon Brown de tirar o sistema financeiro da berlinda que se encontra.

O fato é que no RBS a participação do Estado aumentou de 58% para 70% e a maioria dos especialistas opina que a **nacionalização total do banco é cada vez mais provável**, já que suas ações valem hoje 12 peniques, isto é, menos que uma caixa de chicletes.

Em síntese: poderíamos estar diante da quebra do sistema bancário norte-americano e inglês, fato que arrastaria o conjunto do sistema bancário europeu a uma crise sem precedentes.

A indústria mundial mostra sinais claros de depressão

Mais além da crise bancária, há semanas a “novidade” é a queda que ocorre no terreno da “economia real”, **fundamento material e elemento “nuclear” da crise**, uma vez que esse retrocesso na produção e mais precisamente na produção industrial **começa a se aproximar de cifras realmente depressivas**, podendo chegar a **dois dígitos**, dados muito parecidos com os da Grande Depressão.

Temos que sublinhar o fato de que o **PIB industrial está caindo mais que o produto em geral**. Isto tem muita importância na medida em que se entenda que a indústria é a **maior fonte de criação de riqueza e valor da economia**.

No concreto, a queda da indústria nos países centrais está alimentando a extensão da crise a outros ramos da economia, a queda da economia produtiva leva os capitalistas a reduzirem os gastos não produtivos, causando uma massiva queda dos preços das propriedades e afetando os balanços dos bancos que emprestam para financiar a produção, gerando assim sucessivas ondas de quebra de bancos. Isto é, a queda do produto industrial **afeta o resto das esferas econômicas** porque é a riqueza produzida em seu seio que pode sustentar todos os demais gastos improdutivos.

Vejam como evoluíram as diversas regiões da economia mundial. Nos dedicaremos somente a algumas delas, iniciando pelas economias do Sudeste Asiático, **motor econômico mundial dos últimos anos** e sede de todas as elucubrações vulgares acerca de seu “possível descolamento” da crise mundial.

Por incrível que possa parecer, *os dados mais dramáticos da queda do produto industrial provêm desta região: “A escalada e a velocidade da queda é de tirar o fôlego, e é maior que o da crise financeira de 1997-98. O PIB chinês, que se expandiu a taxas de 13% em 2007, cresceu escassamente no último trimestre de 2008. Para o PIB industrial do Japão se estima uma queda de 10%; em Cingapura a queda do produto industrial seria de 17% para igual período, e na Coreia do Sul se fala em uma queda em torno de 21%. O produto industrial caiu mais dramaticamente em Taiwan, ao redor de 32% em dezembro, em comparação com o mesmo período do ano passado.”* Como se vê, as cifras da região mais dinâmica da economia mundial **nada deixam a desejar às cifras dos anos 30**.

Claro que não se trata somente do Sudeste Asiáti-

co, **a produção em geral e a industrial em particular está estagnada ou em queda livre em todo o mundo**. Segundo a última edição do *The Economist*, comparando o desempenho de dezembro de 2008 com o de dezembro de 2007 a situação de alguns países é a seguinte: nos EUA a indústria apresentou queda de 7,8%; na Itália a queda foi de 9,7%. A comparação entre os meses de novembro de 2008 e novembro de 2007 na Inglaterra apresentou queda de 6,9%, não podemos esquecer que nesse país a indústria está debilitada estruturalmente; na França, o mesmo período apresentou queda de 9%; enquanto na Alemanha foi de 8,3%. Apesar de amplamente conhecido, das grandes economias européias a que está em pior situação é a **espanhola, registrando queda de 17,2%!**

Em síntese, mostramos uma catarata de cifras da produção que se aproximam perigosamente aos índices de queda de 10%, quer dizer, **indicadores de depressão**. Porém, ainda temos outros dados. No Leste Europeu, Rússia e Turquia a situação é ainda pior, na República Tcheca a queda no último ano alcançou 17,6%; Hungria 12%; Finlândia 10,1%; Estônia 17,7%; Lituânia 13,9%; Rússia 10% e Turquia 13,9%.²

É evidente que por trás desses dados gerais temos que estudar a evolução de cada ramo produtivo, tarefa que aqui não podemos cumprir. Em todo caso temos que fazer uma referência ao **ramo automobilístico**, dado que seu peso em todas as economias é “descomunal”, chegando a muitos casos a 10% do produto total. Não é casual que sobre ele recaiam toneladas de dados: é o ramo produtivo mais afetado pela crise econômica.

Em seu principal mercado, os EUA, o descenso da produção é **vertiginoso**: dos 16 milhões de unidades dos últimos anos, estima-se que em 2009 dificilmente cheguem aos 10 milhões, uma queda de cerca de 40%. No caso do Japão, a produção caiu em novembro de 2008 20,4% em comparação com o mesmo mês do ano anterior. Esses dados são os maiores desde que a Associação de Fabricantes de Automóveis do Japão começou a registrá-los, em 1967. O informe também assinala que milhares de operários têm perdido seus empregos nas últimas semanas, acentuando a possibilidade de ondas populares nesse país: “a crise global está chegando até nós como uma onda” declarou Teruyuki Minoura, presidente de Daihatsu Motor Co, filial da Toyota.

A “bomba nuclear” do retrocesso do comércio internacional

O terceiro índice que pode estar alimentando a eventual tendência depressiva é o **comércio internacional**. Pela primeira vez em décadas o comércio diminuiu, mais ainda que a queda da produção. Isto é um dado impactante se levarmos em conta que desde a II Guerra Mundial ele vem crescendo muito mais que a produção em si. Esse fenômeno aumentou muito mais nas décadas neoliberais. O próprio FMI prognostica para o ano um “crescimento de 0,5% e em relação ao comércio internacional fala em uma **queda de mais de 3%, a primeira desde 1982 em comparação ao crescimento de 4,1% de 2008.**”

Obviamente estamos distante das cifras da Grande Depressão, onde se verificou uma diminuição de 50% do comércio mundial, digamos que o declive teve início e que devemos observar sua dinâmica.

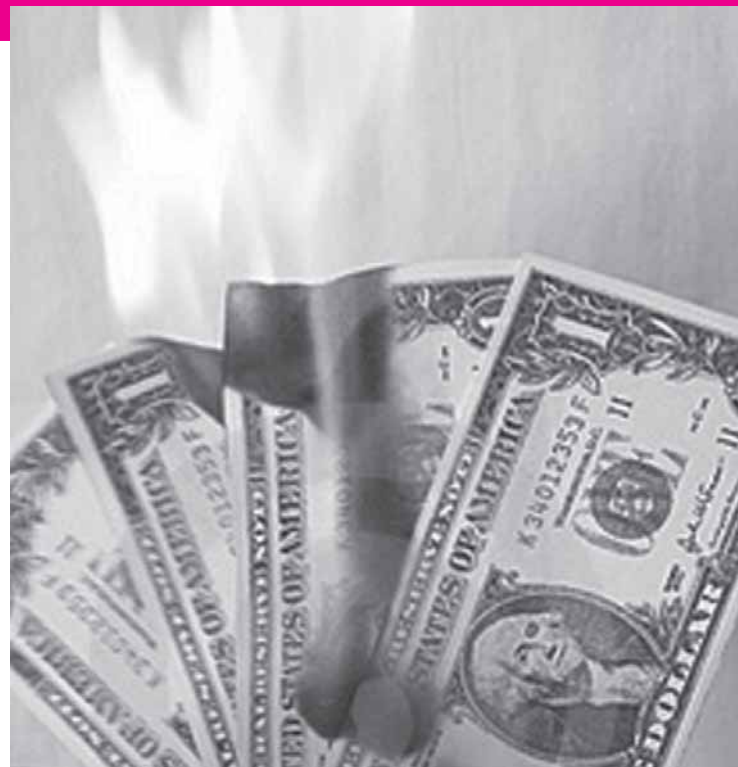
Efetivamente, a queda das

exportações tem sido exacerbada pela restrição do crédito global. O comércio dentro da Ásia tem caído mais que suas vendas aos EUA e Europa, ao mesmo tempo têm crescido as pressões **protecionistas**. Nesse sentido o pacote que Obama tenta aprovar no congresso tem despertado muita polêmica por sua cláusula “compre de americanos” para certos produtos estratégicos. Este projeto de Obama faz recordar a famosa ata sobre importações dos anos 30 nos EUA, a Lei Smoot-Hawley, que gerou reação similar em todo o mundo, levando ao fundo do poço o comércio internacional e se constituindo num dos elementos mais poderosos da depressão. Hoje, em plena globalização, os encadeamentos da economia mundial são muito mais profundos, este fator seria ainda mais terrível e teria o efeito de uma “bomba nuclear”.

Para considerar os eventuais

desenvolvimentos da crise atual, cabe recordar que a grande depressão dos anos 30 operou não somente na restrição do crédito, mas também no retrocesso da tendência secular à internacionalização das forças produtivas próprias do capitalismo. A crise desatou reflexos condicionados no sentido de um ‘salve-se quem puder’ que terminou por fazer retroceder o mercado mundial à quase metade de suas dimensões.

O mais provável é que a atual crise acentue essas tendências, isto é, frente a uma crise, no ponto máximo de internacionalização alcançado pelo capitalismo, os mecanismos defensivos colocados em marcha apontam no sentido contrário. A disputa por quem pagará a conta do desastre agudizará de modo quase inevitável e em grau não visto em décadas, não somente a competência entre capitais e bandos capitalistas, mas também os próprios estados capitalistas dos EUA,



União Européia, Japão e China. Isto de alguma maneira já está ocorrendo e se somará à pres-

são depressiva pela via do retrocesso dos intercâmbios internacionais.

RUMOR AO DESCONHECIDO

A grande novidade do momento é como a crise começará a se trasladar ao terreno da luta de classe. Quando a crise começou tivemos um debate no qual vários companheiros da esquerda tendiam a dar relevo ao suposto fato de que a crise ‘não estava provocando na classe uma resposta de acordo com as necessidades’. Nesse momento utilizamos vários argumentos que não podemos repetir agora, mas basicamente assinalamos que **semelhantes ataques ao nível de vida e trabalho dos explorados e oprimidos em escala mundial e mudanças nas condições materiais de existência da classe operária mundial, inevitável e necessariamente, daria lugar a um período mais convulsionado da luta de classes.**

Também dissemos que devíamos ter paciência, que enquanto o mundo cai aos pedaços, **o metabolismo social da reação frente a essa catástrofe leva seu tempo.** A

realidade é que para nossos parâmetros tudo **está se acelerando**. Em todo caso, aqui não é o lugar para darmos conta dos ritmos desse processo. Tampouco faremos estatísticas da **massiva destruição de emprego** que já está ocorrendo ao redor de todo o mundo, embora ressaltemos que esse é outro dado que assinala **a perspectiva de uma nova Grande Depressão**. Quer dizer, o desemprego em massa é outra **característica inequívoca da depressão**, independente de sua forma não ser uma fotografia dos anos 30.

Aqui pintaremos somente um rascunho da situação nos referindo a alguns países chave da economia mundial. Tomaremos três “estudos de caso”: EUA, China e Espanha. Sobre os EUA vamos usar uma citação de um escritor peronista argentino: “*Aos americanos interessa saber como foi possível somente em dois meses evaporar um milhão de postos de trabalho. Querem saber sobretudo se o novo presidente fará parar a incessante drenagem de postos de trabalho, a mais profunda desde a Segunda*

Guerra. Os 7,2 é uma cifra que os americanos não imaginavam ser possível há dois anos, quando era de 4,4%. Mais de 11 milhões estão no olho da rua, e se somarmos a eles os derrotados que se cansaram de procurar emprego e os 3,4 que aceitaram trabalho em meio período e ainda querem completar sua carga horária, a porcentagem da desocupação é de 13,5%”³. Cifra esta que não está tão delirantemente longe dos 20 ou 25% dos anos 30.

A respeito da China, um informe do *The Economist* é **aclarador**. Intitulado “Migração ao desconhecido” assinala o seguinte: “*Os líderes chineses estão lutando para enfrentar o maior desemprego em anos. Migrantes vindos do campo, a fonte maior e mais barata de mão de obra para as indústrias orientadas para a exportação e para a construção civil, estão sendo fortemente afetados. Milhões estão perdendo seus empregos. Os trabalhadores médios das empresas, por anos acostumados a um crescimento de dois dígitos, agora enfrentam a queda nas bonificações salariais e o congelamento de salários. Alguns também estão perdendo os trabalhos. Os estudantes, dos quais o gover-*

no sempre tem o temor de algum levante, se enfrentam com a mais difícil perspectiva de emprego desde o levante de Tiananmen de 20 anos atrás.”⁴

Podemos agregar que em se tratando de demissão em massa, China está fazendo sua lição de casa: **20.000.000 de trabalhadores rurais acabam de ficar sem trabalho**, quer dizer, 15,3% dos 130 milhões dos trabalhadores rurais que migram do campo ficaram no olho da rua. Esses 20 milhões que agora estão sem ter o que fazer é que estão provocando medo nesse mesmo momento ao Partido Comunista Chinês.

Vendo a Europa ocidental, a situação mais dramática está na Espanha: “Durante o auge econômico da Espanha **os imigrantes eram bem vindos**. Em 2005, o governo anistiou mais de 500.000 pessoas que viviam no país ilegalmente. Hoje esses imigrantes são vistos como um crescente **problema social**. Muitos deles são africanos e latino-americanos sem perspectivas de encontrar trabalho em seus países

de origem. A Espanha está entrando em um **‘território desconhecido’**, diz Fernando Eguidazu, economista e vice-presidente do círculo de empresários. “*Existe um grupo de 5 milhões de imigrantes em uma situação de crise e contração econômica. Não sabemos como solucionar isso.*”⁵

Em definitivo, as tendências depressivas da economia mundial estão alimentando este concreto “salto no desconhecido” por parte do capitalismo. Quer dizer, uma **ruptura de todos os equilíbrios das últimas décadas** que já tem significado a concreta abertura de **uma nova situação mundial**, cheia de contradições e possibilidades revolucionárias, em que a luta entre as classes dá **um salto de dimensões históricas**.

¹ The Economist, 29-01-09.

² Os dados da América Latina não são tão otimistas, mas estão em processo de deterioração.

³ La Nación, 17-01-09.

⁴ The Economist, 29-01-09.

⁵ Wall Street Journal Americas, 26-01-09.

França

Colossal manifestação contra Sarkozy e seu plano econômico

O descontentamento dos trabalhadores e estudantes obrigou as centrais sindicais, que sempre jogam para dividir e frear, a se unirem em uma greve e manifestação que no dia 29 de janeiro levou às ruas mais de 2,5 milhões de franceses.

Desde as grandes jornadas de 1995 não se via manifestação tão grande e combativa, com 300 mil pessoas somente em Paris. Desde maio de 68 tampouco se viam tantos manifestantes de empresas privadas. Estavam os operários da Peugeot, Air France, professores, empregados de pequenas e médias empresas, estudantes.

Os trabalhadores em hospitais, setor muito combativo, marcharam com o slogan: “milhões para a saúde e educação e não para a especulação”.

As amplas avenidas ficaram estreitas. Os últimos a entrar na marcha tiveram que esperar 4 horas, enquanto no outro extremo da passeata a polícia antidistúrbios com ajuda da CGT reprimia uma passeata de jovens.

Em Rennes saíram às ruas os trabalhadores da Peugeot-Citröen, telecomunicações, do Centro de Pesquisa da Motorola, France Telecom, e inclusive trabalhadores do Carrefour.

Embora a burocracia sindical exigisse do governo “aumento de salários e um plano contra demissões”, em Paris se escutaram gritos pedindo a renúncia de Sarkozy e muitos cartazes denunciavam o capitalismo e as grandes somas de dinheiro que o governo dá aos bancos.

No dia seguinte da manifestação, os burocratas sindicais diziam esperar resposta do governo e que não descartavam outra jornada de mobilização. Embora as centrais sindicais não queiram convocar a greve geral, toda a imprensa fala nela.

Em dezembro foram 40.000

desempregados a mais e a cifra de janeiro será muito pior. Já o sentimento em geral é: não vamos pagar a crise! Todos os analistas coincidem em que existe uma politização geral, produto da crise e do rechaço à política do governo de salvar os ricos com o dinheiro dos pobres.

A dinâmica crescente de mobilizações na Europa, com picos na Grécia e Islândia, é outro fator a ser levado em



conta. Não está dado que os burocratas sindicais consigam desta vez paralisar de novo as lutas dos trabalhadores por muito tempo.

Carta de Nova Iorque

Recorde de demissões marca início do novo governo

Por Leo Rios, de Nova Iorque

Bronx, NI – Com o lema de “mudança” e “esperança”, Barack Obama assumiu em 20 de janeiro no meio de uma multidão que bateu recordes de audiência na posse de um presidente. Entretanto, esse não foi o único record do presidente Obama. Também estão sendo quebrados outros recordes em destruição de empregos: somente em janeiro foram demitidos 125 mil trabalhadores. E as empresas anunciam que isso é só o começo e que pensam em liquidar mais postos de trabalho.

Segundo o Ministério do Trabalho, com estas cifras de janeiro foram batidos todos os recordes de desemprego dos últimos 42 anos. E as empresas parecem decididas a seguir retrocedendo no tempo para chegar às cifras da década de 30.

Este massacre de empregos não é privilégio do setor privado. A maioria dos municípios e estados também está em ban-

carrota e a solução é a mesma: “reduzir custos”... demitindo.

Aqui em Nova Iorque, a outrora capital do mundo, o município se debate em quebra total. Por isso, na última semana de janeiro anunciou cortes de 955 milhões de dólares no orçamento e demissões massivas, sendo que os cortes no orçamento são basicamente em educação e saúde.

Na lista foram encontrados 15 mil professores das escolas públicas, também na última semana o governo anunciou o fechamento de um importante hospital público em um bairro pobre da região do Queens. Mas tiveram a resposta da gente trabalhadora que saiu às ruas a denunciar que enquanto bancos e financeiras são resgatados, hospitais públicos são abando-



nados à sua própria sorte. Isso aconteceu poucos dias após Obama prometer cobertura médica para todos.

Como acontece sempre com esse tipo de governo “progressista” sempre existe um golpe quando aparecem dando algo. Por exemplo, o Senado acaba de aprovar uma extensão da cobertura da saúde infantil a 4 milhões de crianças, mas outras 5 milhões ficaram de fora porque seus pais são ilegais. Ainda assim, o novo plano do “genero-

so” Obama não obriga os estados a darem cobertura médica, apenas dá o direito a que esses estados decidam se querem ou não dar essa cobertura. E com os apertos financeiros é muito provável que muitos deles sigam sem aplicá-los.

Estão sendo realmente generosos é com os executivos de Wall Street que acabam de receber 18.400 milhões de dólares a título de “bonificação de fim de ano”, dinheiro esse que em muitos casos veio da “ajuda” que o Estado deu para supostamente salvar o sistema financeiro. A onda de indignação foi tamanha que Obama teve que sair publicamente a condená-los. Porém, fora essa medida midiática não tomou nenhuma medida contra esses delinquentes. Os 18.400 milhões de dólares seguem tranqüilamente em seus bolsos. Obama se limitou a suplicar que daqui em diante “mostrem moderação e algum sentido de responsabilidade.”

Apesar do começo não mui-

to esperançoso, ainda é muito cedo para que a classe trabalhadora e os jovens que votaram nele possam fazer um balanço. Ainda pesam decisivamente as promessas de Obama de criar 3.000.000 de novos empregos, de reduzir os impostos em 95% dos norte-americanos, de uma moratória dos processos de despejos, de ajuda financeira aos necessitados etc etc etc, promessas que, segundo ele, no momento devem ser avaliadas caso a caso.

Há um longo caminho a ser percorrido e as esperanças no novo governo seguem intactas. Obama tentará alargar isso ao máximo, mas o exército de desocupados segue crescendo vertiginosamente, gerando uma contradição enorme que cedo ou tarde pode converter Obama e seu plano em uma folha na tormenta capitalista, na medida em que a população faça como os trabalhadores dos hospitais do Queens: organize e saia à luta.



GAZA: UM BALANÇO NECESSÁRIO

Bancarrota da legitimidade do Estado de Israel

Claudio Testa - MAS Argentina

Durante a invasão e os massacres de Israel na Faixa de Gaza parecia que o saldo final teria dois elementos contraditórios: Por um lado, uma **perda fenomenal da "legitimidade" de Israel** diante de um mundo horrorizado pela magnitude de seus crimes. Como efeito, o repúdio mundial não teve precedentes, apesar do carnavalesco silêncio e cumplicidade de quase todos os governos e das falsificações dos meios de comunicação. Essa **deslegitimação em grande escala é de enorme importância**, já que para milhões de pessoas em todo o mundo se coloca a existência deste estado racista e genocida.

Por outro lado, **em nível militar** Gaza apareceu como algo oposto à guerra do Líbano de 2006, que terminou com uma grave derrota das tropas sionistas, com a perda de duas divisões de blindados. Agora parecia que **Israel conseguiria uma categórica vitória militar**, visto se tratar de um exército armado com a tecnologia mais avançada vinda dos EUA e União Européia que invade a imensa favela que se defende com "garrafas voadoras".

Sem dúvida, para surpresa geral, os genocidas se retiram **incondicionalmente**. Não conseguiram que o Hamas assinasse nem trégua nem rendição, tampouco puderam destruí-lo. E o mais importante, sem conseguir nenhum dos objetivos pelos quais iniciaram a ofensiva em Gaza: **em primeiro lugar, a liquidação do legítimo governo do Hamas**, eleito pela ampla maioria dos votos nas últimas eleições palestinas, e sua substituição por um governo títere de Israel-EUA, Ferhat Abbás. Igualmente não conseguiram objetivos menores, como impedir definitivamente o disparo de foguetes caseiros ou mesmo destruir os famosos túneis com os quais os lutadores palestinos conseguem furar o bloqueio.

Um analista militar egípcio resume assim o resultado: *"Israel tem falado em acabar com Hamas, impedir o disparo de foguetes palestinos e deter a entrada de armas, o que efetivamente não ocorreu"*. Ao mesmo tempo, *"Hamas não conseguiu uma vitória militar"*, como o Hezbollah no Líbano. *"Por isso é que Hamas não perdeu e Israel não ganhou"*¹

A barbárie sionista causou milhares de vítimas e imensa destruição, mas a vitória ou derrota em uma guerra não se mede a partir desse ponto de vista.

Esse desenlace provocou uma **crise política em Israel**, onde o principal partido opositor, o Likud, encabeçado por Beniamim Netaniahu, tem feito um escândalo pela retirada unilateral de Israel. Ainda que exista uma minoria valente que se opôs à guerra, a maioria, sobretudo depois da frustração da derrota no Líbano, vem **girando a posições cada vez mais raivosas**, podendo ser resumidas na popularidade do lema

"árabe bom é árabe morto". Nesse marco, têm boa aceitação propostas enlouquecidas como as do deputado Liberman, ex-ministro de Olmert, de se jogar uma bomba atômica em Gaza e expulsar para a Jordânia toda a população árabe, inclusive os que sejam cidadãos israelenses. A maioria localizada à extrema direita aplaudiu o ataque à Gaza e agora se encontra com a nova frustração de que não houve vitória.

POR QUE ESTE DESENLACE?

A imprensa mundial está repleta de especulações sobre o porquê desta situação. Evidentemente jogaram vários fatores, entre eles, o repúdio mundial ao genocídio que colocava em aperto os governos que apadrinham Israel, especialmente na Europa e o fato de também complicar os primeiros dias de Obama.

Sem minimizar esses e outros fatores, existe a nosso ver um outro elemento relevante: **o medo de Israel de levar adiante uma ocupação militar permanente de Gaza**. Com tecnologia de última geração é fácil bombardear covardemente à distância 1 milhão e 600 mil pessoas em uma pequena região, sem que essas possam reagir à altura. **Porém, garantir a ocupação permanente desse território é outra coisa**. Nesse caso, as **relações de forças tendem a ser mais iguais**, como aprenderam duramente os ocupantes do Iraque e Afeganistão. Contudo, sem ocupação e/ou rendição do inimigo, nenhuma guerra pode dar-se por vencida, por mais morte e destruição que provoque. Israel mantém a ocupação da Cisjordânia graças aos quase 500.000 colonos e à colaboração dos traidores da "Autoridade Nacional Palestina"; a ocupação de Gaza **se pareceria muito mais com o que ocorre no Iraque e Afeganistão**.

DURO GOLPE NOS COLABORACIONISTAS E FORTALECIMENTO DO HAMAS

Um "dano colateral" deste empate que pode ter conseqüências na Palestina e toda região é o total **desprestígio dos traidores aliados a Israel-EUA e a ascendente popularidade do Hamas**. Assim se refere um importante jornal europeu: *"A guerra põe a pico o Fatah e reforça o Hamas. A popularidade dos islâmicos dispara na Cisjordânia e em todo o mundo árabe... A ofensiva tem colocado Abbás e a direção de seu partido, Fatah, em um ponto sem retorno. Vilipendiados nas ruas e questionados em suas bases, sua desastrosa gestão da guerra tem se traduzido em um aumento da popularidade do Hamas tanto na Cisjordânia como em todo mundo muçulmano... Em todo Oriente Médio as ruas muçulmanas tem se rendido ao Hamas, como ocorreu com o Hezbollah, inclusive Turquia, aliado tradicional de Israel, tem pedido ao mundo que rompa o isolamento e comece a negociar com o Hamas"*².

Também outros servos de Israel e EUA se sentem como se o chão se movesse debaixo de seus pés: "Gaza está provocando que o regime de Mubarak no Egito balance como nunca. No dia 29 de dezembro se produziu o início de uma rebelião na Academia de Polícia envolvendo cerca de 6.000 alunos quando esses se recusaram a reforçar a fronteira do Egito com Rafab, o que supostamente se estendeu a oficiais de média patente. No dia 30 se tornaram massivas as manifestações de apoio aos palestinos de Gaza, que seguem ininterruptamente em localidades como Assiut, Minya, Daqaliya, Fayoum y Alejandria, assim como nas Universidades do Cairo e Ain Shans. Os irmãos muçulmanos

*e a esquerda do Movimento Kefaya (basta) têm participado ombro a ombro dessas mobilizações, reforçando as alianças táticas que vem se realizando desde antes da guerra do Líbano de 2006."*³

O certo é que, tanto na Palestina como em toda a região, os recentes combates na Faixa de Gaza **têm polarizado as relações ao extremo**. Isto, muito provavelmente, **vai ser uma forte tendência não só no Oriente Médio, mas em todo o mundo, hoje cruzado pela maior crise econômica dos últimos 70 anos, e por contradições de todo o tipo**.

¹Abdel Monaem Fareed, "Hamas No Loser, Israel No Winner", Palestine Chronicle, 18/01/09.

²Ricardo Mir de Francia, "La guerra refuerza a Hamas", El Periódico, Barcelona, 20/01/09.

³IBID²

CORRENTE SOCIALISMO OU BARBÁRIE IMPULSIONOU A SOLIDARIEDADE AO POVO PALESTINO

Em diversas cidades e países os militantes das organizações pertencentes à SoB Internacional estiveram na primeira fila, impulsionando e participando das mobilizações unitárias de solidariedade. Seguem algumas fotos e informes destas atividades.

COSTA RICA

Com o objetivo de se solidarizar com o Povo Palestino se conformou um Comitê que agrupa organizações sociais e partidos políticos de distintos signos, que tem organizado em unidade de ação atividades de protesto ao imperialismo-sionista. A mais importante dessas ações foi uma mobilização em frente à Embaixada de Israel em São José, com cerca de 700 pessoas, muitas delas fazem parte de uma importante vanguarda sobrevivente do movimento de luta anti CAFTA. No ato, nosso Partido utilizou a palavra por duas vezes e explicou nossas posições. Posteriormente, foi realizada uma passeata pela principal avenida da capital, lançando consignas e repartindo a declaração conjunta do Comitê.



ARGENTINA



Apenas iniciada a agressão, o MAS, junto com as comunidades palestina, árabe e islâmica, movimentos sociais e partidos políticos, organizaram o Comitê de Solidariedade aos Povos agredidos pelo "Sionismo-Imperialismo" que realizou uma marcha massiva em Buenos Aires. Nossa organização realizou ainda uma jornada de agitação na Diagonal Norte e Florida e na Estação de trens de Moron. Nessas atividades efetuou-se intenso trabalho de difusão da situação na Faixa de Gaza, com a distribuição de milhares de panfletos. Centenas de pessoas pararam para falar com nossos companheiros, manifestando seu apoio à causa palestina e assinando um abaixo-assinado que exigia a imediata retirada do exército colonizador de Israel. Também em Córdoba, Neuquen e outras localidades do interior do país, onde estamos organizados, nossos companheiros impulsionaram passeatas e outras ações solidárias.

BOLÍVIA

No centro da cidade de La Paz, os companheiros de Socialismo ou Barbárie Bolívia foram parte de um importante ato solidário onde os trabalhadores, estudantes e o povo boliviano expressaram seu repúdio ao genocídio sionista.



Partido Socialista dos trabalhadores de Honduras:

Entre os dias 9 e 11 de janeiro foi realizado o X Congresso do Partido Socialista dos Trabalhadores de Honduras. Além das discussões e votações próprias deste tipo de encontro, também votaram de maneira unânime a entrada do PST a nossa corrente Internacional Socialismo ou Barbárie. Nossos companheiros da Costa Rica participaram do Congresso e realizaram entrevista com Juan Romero, militante do PST-Honduras, nos brindando com suas opiniões sobre o PST-H e a realidade hondurenha, que é de pouco conhecimento da vanguarda em geral. Assim, reproduzimos essa entrevista originalmente publicada em Prensa Socialista, o jornal do PST-Costa Rica.

Sob: Quais as principais características que identificam no PST-H?

JR: O PST-H é um partido socialista e revolucionário, tanto por seu programa como por seus métodos de atuação. Tem 23 anos de existência, é um pequeno grupo, e tem dado importantes quadros ao movimento de massas em Honduras.

Até o dia de hoje o trabalho tem girado em diversos setores. Por exemplo, em seu início o partido teve uma importante e destacada intervenção na Universidade Autônoma, onde companheiros muito jovens do curso de Pedagogia conquistaram o primeiro centro de estudantes das mãos da direita, isso no marco de um governo com métodos fascistas e da revolução centro americana dos anos 80. Na década de 90 passamos a intervir nos sindicatos dos trabalhadores bananeiros, chegando a dirigir a segunda greve mais importante desde 1954.

Sob: E hoje em que lugares do país e em que setores militam?

JR: Somos um partido muito jovem e com muitos estudantes, quase 70% de nossa militância oscila entre os 18 e 26 anos. Por isso, atualmente estamos estruturados principalmente nas Universidades de Tegucigalpa e em várias cidades do Vale de Sula. Também intervimos no magistério e no setor camponês. Por exemplo, um de nossos companheiros é dirigente regional da CNTC, na cidade de *El Progreso*, nesta mesma cidade intervimos na Assembléia Popular Permanente, que agrupa vários sindicatos e associações.

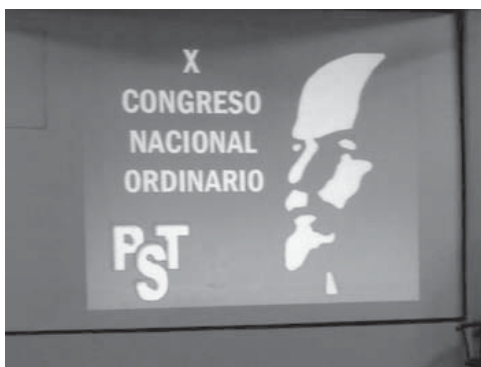
Sob: Muitos de nossos leitores não têm muito conhecimento sobre a realidade política hondurenha. Que caracterização vocês possuem sobre a situação do país?

JR: Os anos 90 foram a “década perdida” e implicaram em um retrocesso significativo para as organizações populares. Tanto os governos como as empresas privadas desferiram duros golpes contra o movimento operário hondurenha, desarticulan-

do muitos sindicatos estatais e privados. Sem falar nas privatizações, que no auge do modelo neoliberal fizeram retroceder significadamente as lutas no país.

Passados esses anos e entrando no século XXI ocorre uma reorganização de alguns setores de massas que por sua vez começam a realizar importantes lutas, sobretudo no magistério. No ano de 2002 ocorre um importante evento, que nosso partido considera um “divisor de águas” na luta de classe e na correlação de forças, o “verjaço”, onde os professores sitiaram o Congresso Nacional com a colocação de grades ao seu redor.

Passado isso, em 26 de agosto de 2003 é fundada a Coordenação Nacional de Resistência, que começa a aglutinar as forças do movimento popular. Em resumo, há uma mudança no país. Passada a “reação democrática” dos anos 90, atualmente o movimento tem retomado suas velhas conquistas, por exemplo, é destacada a conquista do estatuto do magistério hondurenha, no qual se estabelecem direitos como es-



tabilidade no emprego, o que possibilita a categoria sair à luta.

Nesse sentido a Coordenação tem conseguido aglutinar vários sindicatos que buscam uma maneira de se organizar por fora das tradicionais e burocráticas centrais sindicais. De fato é uma instância única em seu estilo, somente comparável a APPO de Oaxaca. Tem seu programa de luta definido, 12 pontos, que desde 2003 tem permitido centralizar e refletir cada um dos setores em luta. Um espaço democrático e amplo onde existem debates mui-

to amplos.

Sob: Qual o papel que o partido tem tido nos últimos anos? Pode falar sobre os “Paros Cívicos”?

JR: O ano de 2008 tem deixado um grande legado e experiências a nossa militância, que apesar de muito jovem se viu inserida em uma luta de classe a partir de seu trabalho com os estudantes secundaristas.

Os “paros cívicos” são fruto de uma política do partido em diversos momentos, todos em função da Greve Geral que permita recuperar as conquistas perdidas nas décadas de 90 e avançar as lutas, que transcenda ao reformismo e se aproxime da emancipação da classe trabalhadora.

Nesse sentido, em seu IX Congresso (2007) o PST votou ir aos setores populares e à Coordenação para promover um Encontro Operário, Camponês e Popular, onde estiveram as centrais sindicais, organizações camponesas e a própria Coordenação. Daí surgiu o plano de lutas que desembocou no Paro Cívico Nacional do dia 17 de abril, no qual nosso partido teve um papel fundamental, chegando a co-dirigir o processo.

De dezembro de 2007 a maio de 2008 dirigimos a Coordenação. O Partido aumentou sua amplitude, intervindo em Tegucigalpa, Progreso, Ceiba e São Pedro Sula, sendo que nossas posições foram

levadas a muitos setores e se conseguiu um grande êxito que foi o Paro Cívico Nacional, nem tanto pelas conquistas mas principalmente por construir uma nova forma de luta dos setores populares. A novidade não foram as 27 ocupações de auto-estradas em todo o país, mas pelo fato de que foi um dia de paralisação das instituições estatais e de várias privadas, e de participação dos estudantes secundaristas, de maneira consciente e ativa.

No dia 14 de maio, em apoio à greve de fome dos fiscais con-

tra a corrupção se impulsiona o segundo Paro Cívico, no qual o partido teve um rol de direção, com participação ativa de alunos, professores, bases camponesas e de um considerável número de sindicatos importantes. Tudo isto se deu como fruto de um período de lutas, as mais importantes desde a Greve de 1954.

Sob: Poderia nos explicar a difícil situação que atravessou o partido, depois do assassinato do companheiro Edickson Lemus?

JR: Para o partido é uma das perdas mais significativas. Foi um companheiro que organizava a Central Nacional dos Trabalhadores do Campo e tinha um papel importante como Secretário Geral, especialmente nas lutas cotidianas. Era um agitador por excelência e transmitia grande emotividade aos demais camponeses. Não ficava somente nas lutas camponesas, ia às lutas estudantis, de professores etc.

O companheiro foi vítima da repressão brutal que os latifundiários exercem sobre os camponeses que lutam por seu direito a um pedaço de terra. Sua participação como dirigente levou a ser assassinado nas mãos dos jagunços, sendo que as instâncias responsáveis não têm tido muita vontade política de resolver o crime, como em outros casos de centenas de dirigentes camponeses assassinados.

Ao redor desse tema e desde o seu assassinato, que já faz três anos, o partido realiza uma jornada de protesto para lembrar as autoridades que este crime nós não esqueceremos e vamos seguir insistindo em seu esclarecimento.

Sob: Neste congresso vocês optaram por ingressar em Socialismo ou Barbárie Internacional. Quais foram as razões que levaram a isto?

JR: Somos um partido trotskista e temos um compromisso permanente em ter uma vinculação com outros partidos



do mundo, em função do princípio do internacionalismo. Nosso partido teve uma crise de seus organismos internacionais, desde a LIT (Liga Internacional dos Trabalhadores), CITO (Centro Internacional do Trotskismo Ortodoxo) e SECA (Secretariado Centro Americano). Devido a essa crise o partido optou por buscar outros setores do trotskismo na América Latina com os quais pudesse trabalhar.

A partir da aproximação e fraternidade com o PST-Costa Rica, que ingressou em Socialismo ou Barbárie anteriormente, nós votamos em nosso IX Congresso o estudo e acompanhamento da SoB para caracterizá-la e votar o ingresso a esta corrente, que é um passo importante pois nos tira do isolamento.

Além disso, consideramos importante que SoB dê importância aos princípios das organizações revolucionárias, no sentido de insistir na independência de classe e no posicionamento que tem tido em relação ao surgimento dos governos populistas, como o de Chávez.

Outro fato que nos ajudou a decidir por SoB foi que os companheiros nos demonstraram o internacionalismo no concreto. Fizeram um esforço material importantíssimo em nos visitar no ano de 2007, ainda sem termos relações formais. Isso foi significativo para o Partido, posto que vimos seu interesse em ter relações fraternais e formais com o Partido. Junto a isso foi importante o fato de continuarmos tendo relações fraternais com os companheiros do PST-Costa Rica, o que nos permitirá dinamizar nosso trabalho.

Crise nas Universidades Privadas

L. F. Lemos

Pagamento imediato dos salários dos professores

A crise econômica que assola o planeta e todos os setores da economia tem conseqüências nefastas para o emprego de milhões de pessoas. A ONU (Organização das Nações Unidas) calcula que serão perdidos 50 milhões de empregos em 2009. Neste contexto, a **classe dominante (patrões) aproveita a situação de crise e temor do desemprego para aumentar as taxas de exploração dos trabalhadores através de vários mecanismos**. Tais como: redução de salário, banco de horas, intensificação do ritmo de trabalho para quem permanece empregado e arrocho salarial. Neste último quesito, dados do DIEESE (Departamento Intersindical de Estatísticas Econômicas e Sociais) demonstram que após a eclosão da crise em setembro, as repositões salariais têm ficado bem abaixo da inflação.

São Marcos comete crimes contra trabalhadores

Como dissemos acima, to-

dos os setores estão sendo atingidos pela crise e as universidades privadas não fogem à regra. Em uma série de listas de estudantes e profissionais do ensino vivem situação de grande precariedade.

Como qualquer empresa privada, as universidades particulares operam com a mesma lógica do lucro máximo, assim, jogam nas costas dos trabalhadores o preço por qualquer dificuldade que venham a sofrer. **Tratam a educação como uma mera mercadoria e chegam ao cúmulo de suspender o pagamento dos profissionais da educação.**

Na São Marcos...

A Universidade São Marcos segue sua **política de enganação aos docentes** e ao sindicato (SinproSP) que já se prolonga desde o ano de 2008, e até agora não apresentou nenhuma proposta séria. A cada assembléia de professores aparecem supostas propostas feitas pelos mantene-

dores da instituição, que na prática mantém a mesma campanha de prorrogação de pagamento dos salários, fato inadmissível e reiteradamente não aceito pelos professores.

Agora a São Marcos criou uma "Comissão de Acompanhamento da Execução da Proposta", que, naturalmente, foi questionada pelos professores por não reunir elementos e dados para fazer tal acompanhamento, já que **os mantenedores se recusam a mostrar a receita da universidade até mesmo para essa comissão, criada pela universidade.**

Nessa condição os professores continuam com a greve, reafirmando o único e justo acordo possível: O **PAGAMENTO INTEGRAL DOS SALÁRIOS PENDENTES DESDE OUTUBRO DE 2008.**

Se não bastasse isso, os alunos da São Marcos - Unidade ABC Anchieta vivem uma situação desesperadora, pois **esta unidade não possui nenhuma**

condição de funcionamento, não cumprindo portanto o mínimo exigido e aceitável para um local de ensino efetivamente superior. Como exemplo do descaso e sucateamento podemos citar o fato de que nessa unidade o curso de Biologia não possui laboratório; o curso de Educação Física não possui quadras e/ou piscinas; a biblioteca não possui um acervo condizente à quantidade de alunos e cursos.

O mais interessante é que a São Marcos detém **grande quantidade de ESTUDANTES BOLSISTAS pelo ProUni, UNAS-Heliópolis e FIES** o que, é claro, diminui e muito a possibilidade de inadimplência. **O ProUni acaba se caracterizando por uma brutal transferência de dinheiro público para as instituições privadas sem que essas cumpram minimamente suas obrigações.**

Com isso, nós do Práxis perguntamos: onde está o dinheiro provindo dos alunos bolsis-

tas? Por que se recusam em mostrar a receita da universidade? A resposta é óbvia: **Querem manter taxas de lucro cada vez mais altas, além dos DESVIOS DE DINHEIRO e CORRUPÇÃO! Os princípios éticos e as vocações humanísticas que a Universidade apresenta em seu site como característica da Instituição não passam de letra morta.**

- ✓ **Pagamento imediato de todos os salários;**
- ✓ **Abertura de toda a contabilidade das Universidades;**
- ✓ **ProUni não é solução para a falta de vagas nas universidades públicas;**
- ✓ **Verba pública para abrir novas vagas nas Universidades Públicas e não para aumentar o lucro dos patrões do ensino;**
- ✓ **Estatização sem indenização de todas as universidades que demitirem ou que não pagarem os vencimentos dos trabalhadores da educação.**

Na Educação

Ramo Félix

Organizar os professores para resistir aos ataques do governo Serra e da sua Secretária de Educação

O ano letivo de 2008 já se iniciou com uma terrível afronta ao processo de ensino aprendizagem, com a Secretária do Estado da Educação (Maria Helena) impondo a todas as escolas um currículo único e um manual em que os professores recebem as aulas prontas, política que terá continuidade em 2009, impondo ao professor e aos alunos **conteúdos e procedimentos elaborados pela tecnocracia** da Secretaria da Educação.

O pior é que esta política educacional foi aplicada em nome da melhoria da qualidade de educação e combate aos baixos índices educacionais obtidos no Estado de São Paulo. Nada mais falso! É consenso em todo planeta que a **melhoria da qualidade de ensino passa inexoravelmente por melhores condições de trabalho e remuneração** e mais autonomia pedagógica das escolas e dos docentes, e não pelo contrário, como pretende Serra (Governador) e Maria Helena (Secretária da Educação). Na verdade, **esta política visa desqualificar o trabalho dos professores** que tem por característica básica ser um trabalho intelectual que demanda a produção e a reprodução autônoma de conhecimento.

Mas, como se isto não bastasse, em mais uma investida contra os professores a Secretária da Educação **Maria Helena**, subordinada do governador do estado de São Paulo, **Jose Serra (PSDB), resolveram através do decreto 53037/08 retirar, com uma só canetada, vários direitos dos professores Efetivos e OFA's.** Diante de mais este ataque e de um profundo arrocho salarial, no dia 13 de junho de 2008 os professores resolveram entrar greve.

Após 22 dias, a greve foi finalizada a partir de um acordo mal explicado pela direção do sindicato que contava com o pífio reajuste salarial de 5% e a promessa, que não foi cumprida pelo governo, de pagamento dos dias parados. Após a greve vários **ataques** foram mantidos: **restrição das faltas para consulta médica, proibição dos professores em estágio probatório de participarem da designação de aulas pelo artigo 22, atribuição compulsória de aulas para os demais titulares que optarem por esta designação e a avaliação para os OFA's.**

Com a avaliação dos OFA's - vulgarmente conhecida na rede estadual de ensino por "provinha" - a classificação dos docentes temporários seria determinada pela nota

da prova. A prova seria utilizada para compor a classificação - que historicamente é definida pelo tempo de serviço - para fins de atribuição de aulas dos OFA's. **A "provinha" foi realizada no dia 17/12/08, processo caracterizado por uma série de irregularidades**, dentre elas: professores inscritos em disciplinas erradas, conteúdos diferentes dos divulgados nos sites do governo, vazamento da provinha, provinhas que não estavam lacradas. A partir daí houve uma guerra liminares, criando assim, uma queda de braço no campo da justiça burguesa entre o sindicato e o governo do estado, e no meio milhares de professores que não sabiam qual era a real situação.

Esta guerra acabou com a uma liminar ganha pela APEOESP no dia 04/02 que suspendia a "provinha" como critério para compor a classificação dos professores temporários. O **governo** acabou recuando definitivamente desta política na última semana. Mas, **devido sua irresponsabilidade houve o atraso na atribuição de aulas aos professores OFA's e no início do ano letivo.**

É preciso levar em conta que a atual crise mundial afetará a todos os trabalhadores, e como ficará a vi-

das de milhares de professores que ficarem desempregados. A "provinha" levou milhares de professores a ficarem em verdadeiro estado de pânico. Não é por menos, vivemos uma situação econômica nacional e internacional marcada pela **perda de empregos em massa**, onde muitos já estão em fase de aposentadoria e poderiam ficar sem aulas neste ano. A "provinha" não se tratava de concurso público para provimento de cargos para o magistério paulista, política que é historicamente reivindicada pelo movimento dos professores. Tratava-se, sim, de **mais uma tentativa para desqualificar os professores** que há anos contribuem, dentro das piores condições de trabalho possível, com o processo educacional da ampla maioria da população.

É preciso dizer a verdade. Se o governador José Serra (PSDB) está conseguindo implementar sua nefasta política educacional é porque a APEOESP, por responsabilidade direta da Artisindi (Articulação - corrente política que dirige a CUT e o PT) não está fazendo o seu papel de organizar os professores para resistir e barrar estes ataques. Mesmo a direção do sindicato, composta em sua maioria pela articulação e

outros setores governistas, a política dos setores de esquerda organizados principalmente na Conlutas e Intersindical não tem sido eficiente para alterar o quadro de apatia e de inércia da categoria.

Isto se refere especialmente ao setor majoritário da Oposição Alternativa, composto em sua maioria pelo PSTU, que a cada dia comprova não compreender as necessidades políticas e organizativas dos professores e das demais categorias que dirige. Exemplo cabal disso é a política levada a cabo na direção da Conlutas e do Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos (ver artigo *Brasil: crise econômica marca definitivamente a realidade política nacional e provoca demissões em massa*, nesta mesma edição).

Mediante os vários ataques da Secretaria Estadual de Educação e do governo Serra é preciso organizar a categoria já nos primeiros dias de aula. Isto se faz com uma forte campanha de eleição de representantes em todas as escolas (RE's), na organização de assembleias regionais e de um encontro regional e nacional com todas as categorias para organizar a luta contra as demissões que já atingem milhões de pessoas em todo o país.

Metalúrgicos do ABC

Chega de banco de horas e redução de salários, Assembleia Geral do Sindicato e Plano de Lutas Já!

Como parte dos reflexos da crise econômica mundial, a categoria está enfrentando um verdadeiro ataque aos seus empregos e salários, várias fábricas têm demitido e reduzido os salários com a conivência criminoso do Sindicato, que tem se comportado como verdadeira correia de transmissão dos interesses das fábricas.

Estamos diante dos primeiros enfretamentos e infelizmente o Sindicato tem encaminhado todas as lutas, sendo que muitas delas tiveram as greves transformadas em acordos muito ruins.

Em uma situação como a que estamos vivendo, muitos companheiros acreditam que o mais importante agora é garantir o emprego, mesmo que para isso os já arrochados salários sejam reduzidos. O problema é que já está mais que provado que isso não resolve a situação, a cada redução e diminuição de direitos os patrões exigem mais redução e mais diminuição, e o Sindicato, apesar de fazer barulho, pouco faz para resistir. A recente greve da TWR, em Diadema, é prova cabal dessa política.

Durante o fechamento desta edição chegou a notícia de que no dia 6/2 paralisaram as ativida-

des por três horas as fábricas Max Precision e Special Quality, que juntas reúnem cerca de 400 trabalhadores, contra a demissão de 49 companheiros e pelo pagamento do 13 salário que ainda está pendente. Também a Mahle, empresa multinacional que em sua fábrica de São Bernardo do Campo possui 1200 operários, acaba de demitir 400 e ameaça outros 140 com o mesmo destino, enfrentou a paralisação de suas atividades por 24 horas.

O que está ocorrendo com as fábricas metalúrgicas no ABC, principalmente no setor de autopeças, é um reflexo da crise econômica e atinge todo o setor e também as próprias montadoras. A Mercedes-Benz acaba de anunciar férias coletivas a partir de 23 de fevereiro e a GM de São Jose dos Campos demitiu 802 operários, 10% de seu quadro.

Nessa situação temos que exigir que o Sindicato convoque imediatamente uma assembleia geral de todo o setor automobilístico para que juntos organizemos a resistência, o que a nosso ver passa por rejeitar todas as propostas de banco de horas e redução de jornada com redução de salário.

Práxis-Diadema

SAIU

Socialismo ou Barbárie 22

Dando seguimento à nossa política editorial, acaba de ser lançado o número 22 da Revista Internacional Socialismo ou Barbárie. Esse número aparece em um momento especial da luta de classe mundial, visto que nos encontramos em uma nova conjuntura internacional, profundamente marcada pela crise mundial.



Nesse sentido, utilizamos as páginas da revista para contribuir de uma perspectiva socialista e revolucionária com os importantes debates acerca da dinâmica e das conseqüências desta nova conjuntura. Trazemos também outros artigos de cunho histórico: o primeiro sobre a história do movimento trotskista brasileiro, de sua fundação até 1964, o segundo sobre um dos mais importantes arqueólogos de todos os tempos, Gordon Childe.

As revistas se encontram à venda com os companheiros do Práxis e nas bancas que temos montado em atividades políticas e nas universidades onde atuamos.

Práxis

RUA CONSELHEIRO RAMALHO 1012

ALTURA DO 1404 DA AVENIDA BRIGADEIRO LUIS ANTONIO

CONTATOS:

grupo.praxis@yahoo.com.br

www.grupopraxis.org

www.socialismo-o-barbarie.org

SP (11)

9465-4879

8981-4878